



## **Cordel: um meio de comunicação a serviço da escola?<sup>1 2</sup>**

ARAÚJO, Ana Paula Lima de<sup>3</sup>

SOUSA, Monyse Ravena<sup>4</sup>

SOUSA, Renata de Lima<sup>5</sup>

Graduandas pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

### **Resumo**

Sensível a temática dos mais diversos meios de comunicação alternativos, criados, principalmente, a partir da releitura das manifestações culturais, este artigo vem apresentar elementos que permitem a concepção do cordel como meio de comunicação. Busca ainda esclarecer a apropriação dos meios culturais nas relações de transmissão de mensagens em suas mais diversas acepções - como estudadas em Folkcomunicação - tendo em vista que a própria existência da cultura já é um processo comunicativo. Através de uma oficina de cordel, ministrada em setembro de 2008 para, na maioria, professores do ensino básico, constatou-se que é possível se valer do cordel também na escola tanto para auxiliar na apreensão do programa a ser estudado quanto para incentivar os alunos a se manifestarem voluntariamente através de um meio acessível.

### **Palavras-chave**

Comunicação; Meios Culturais; Escola; Cordel

### **Introdução**

O presente trabalho inicia com a elaboração de argumentos que mostrem ser o cordel um meio de comunicação. Em seguida, ele é apresentado como potencial dispositivo pedagógico, tendo em vista sua riqueza comunicativa e linguística, no auxílio a prática escolar. Para examinar essa questão com profundidade, vem ainda explicar acerca dos grupos marginalizados, ofuscados, por vezes, pelos chamados MCM – meios de comunicação de massa. Conceitua Folkcomunicação e mostra sua importância na construção desses grupos marginais. Logo após, apresenta o TVEZ, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Artigo orientado pela Dra. Professora Luciana Lobo Miranda, professora adjunta da Universidade Federal do Ceará (UFC).

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, cursando o 3º período na Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do projeto de extensão TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia. Correio eletrônico: aplda@hotmail.com.

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, cursando o 6º período na Universidade Federal do Ceará. Membro de projeto de extensão TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia. Correio eletrônico: monysefb@hotmail.com.

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, cursando o 3º período na Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista do projeto de extensão TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia. Correio eletrônico: renata.jornalismo.ufc@gmail.com.



projeto de extensão que originou a oficina de cordel e leitura crítica da mídia, que deu origem a esse artigo. Disserta sobre a elaboração e execução dessa oficina e, finalmente, propõe a utilização do cordel não apenas como uma ferramenta escolar, como também um importante elemento na democratização da expressão.

### **O Cordel é um meio de comunicação?**

Uma das temáticas que mais provocam debates entre os comunicólogos é justamente a do que vem a ser comunicação, pois que não se pode chegar a uma definição exata do termo sem ignorar outra gama de acepções válidas. Segundo Luiz C. Martino,

(...) o termo comunicação vem do latim *communicatio*, do qual distinguimos três elementos: uma raiz *munis*, que significa ‘estar encarregado de’, que, acrescido do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a ideia de uma ‘atividade realizada conjuntamente’, completada pela terminação *tio*, que, por sua vez, reforça a ideia de atividade. E efetivamente, foi este o seu primeiro significado no vocabulário religioso, onde o termo aparece pela primeira vez. (MARTINO, 2002, p.12)

O autor apresenta ainda vários conceitos utilizados nos dicionários modernos, tais como:

fato de comunicar, de estabelecer uma relação com alguém, com alguma coisa ou entre coisas, capacidade ou processo de troca de pensamentos, sentimentos, ideias ou informações através da fala, gestos, imagens, seja de forma direta ou através de meios técnicos, a mensagem, informação (a coisa que se comunica: anúncio, novidade, informação, aviso. (MARTINO, 2002, p. 12)

Então, como avaliar se o objeto desse artigo, o cordel, é ou não um meio de comunicação? Para essa questão, podemos avaliar essa segunda expressão: meio de comunicação. Para que a comunicação seja possível, é necessário que haja uma série de condições tais como: a mensagem, o canal, o código... Esses são, portanto, componentes dos meios, mas não são meios de fato. Quando nos referimos a um meio, um modo, pressupõe-se que já existe efetivamente a comunicação, sendo que, quando se tem os componentes do meio, não necessariamente há comunicação. Ainda no texto de Martino há o exemplo da página do livro.

Tome-se a página de um livro, por exemplo. Para um animal, ou para uma pessoa analfabeta ou que não conheça o idioma utilizado (código), a página não é senão uma coisa, um objeto, não chegando absolutamente a se constituir enquanto mensagem. (MARTINO, 2002, p.16)



Então o meio, ou seja, a forma como a comunicação se dá, é um componente imprescindível da própria comunicação. Assim, para se considerar algo um meio de comunicação, é necessário que esse algo apresente os componentes do que seria esse meio e, fundamentalmente, é preciso que haja a própria comunicação.

Há também a vertente artística do cordel. Sua gênese, tal como a conhecemos, vem dos trovadores europeus da Idade Média - após a ida desse gênero para a Península Ibérica - que se valiam da música para declamar seus versos. A própria atividade cordelista também é chamada de literatura de cordel. Sobre a Comunicação pela arte, Luiz Beltrão vem dizer:

De manifestação tão remota como a era das pinturas das cavernas, das inúmeras esculturas da ilha de Pascoa ou dos templos e construções há milênios soterrados – a modalidade de comunicação pela arte, embora negada pelos que só compreendem como linguagem a transmissão de um significado, constitui uma maneira consciente e deliberada de emissão de mensagens culturais, que seriam incodificáveis em palavras, constituindo, segundo Dewey, “uma linguagem mais eficaz” ainda que a linguagem comum, porque em vez de enunciar significados, remetendo-nos a um objeto, os expressa, situando-nos imediatamente no comunicado. (BELTRÃO, 1973, p.69)

A linguagem do cordel, a xilogravura da capa, a musicalidade do texto e os demais elementos que o constituem têm sua base artística, que enriquecem ainda mais esse meio de comunicação, como disse Beltrão, não sendo, de forma alguma, um empecilho para pôr o cordel em tal patamar. A apropriação desses meios gera novos gêneros, que aumentam a capacidade comunicativa e a clareza das comunicações.

No caso do cordel, há ainda o fato favorável a sua aceitação como meio de comunicação que é o de ele ser um elemento cultural.

E quando passamos a falar de cultura, temos que estar atentos para o fato de estarmos trabalhando um conceito que já implica um processo de comunicação: a cultura implica a transmissão de um patrimônio através das gerações. (MARTINO, 2002, p. 23)

Nota-se, assim, que o próprio cordel já consiste numa mensagem. Sua confecção implica, além da mensagem, na existência de um emissor, de um canal e de um código, já sua leitura; na de um receptor. Considerando os argumentos expostos, é possível, portanto, concebê-lo como meio de comunicação legítimo.

Disso não muita gente duvidaria. Bastava considerar o consumo do sertanejo nordestino das informações contidas no cordel, desde sua instauração aqui no Brasil até



hoje, funcionando como um verdadeiro jornal alternativo<sup>6</sup>. É fato também que o cordel atualmente quebrou as barreiras de temáticas, versando sobre biografias de cientistas notórios, como Isaac Newton, eventos geopolíticos, como o 11 de setembro, campanhas de saúde, como a prevenção da AIDS e do dengue, enfim, não há mais tema que o cordel não possa divulgar. A razão de sua existência, pois, ultrapassa as manifestações artísticas, podendo ser de um novo meio de comunicação a um dispositivo pedagógico, em analogia ao trabalho de Fischer (2002).

Fischer, baseada no pensamento do filósofo social Michel Foucault, discute que a apropriação dos meios de comunicação na pedagogia deva ser uma realidade, uma vez que os jovens já elaboram suas formas de constituírem a si mesmos através da mídia. Dessa forma, faz-se necessário que esta entre na agenda das escolas:

No âmbito específico das práticas escolares, o próprio sentido do que seja “educação” amplia-se em direção ao entendimento de que os aprendizados sobre modos de existência, sobre modos de comportar-se, sobre modos de constituir a si mesmo para os diferentes grupos sociais, particularmente para as populações mais jovens se fazem com a contribuição inegável dos meios de comunicação. Estes não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange a produção e a circulação de uma série de valores, concepções, representações. (FISCHER, 2002, p. 153)

Mesmo não sendo o cordel um meio de comunicação de massa, é possível observar a possibilidade de ele repassar fatos que foram difundidos pela grande mídia de outra maneira, no que incluiria a linguagem simples, a democratização do acesso e a permissividade de expressão das diferentes opiniões, tendo em vista a facilidade de se produzir um cordel. É um veículo mais próximo do cotidiano popular e da sua realidade. Uma nova ótica sobre o que acontece traria aos alunos que se valessem dessa mídia alternativa um re-significado importante para a formação crítica deles enquanto sujeitos.

### **Os meios de comunicação de massa e os grupos marginalizados**

A produção jornalística de massa, sempre preocupada com a apuração objetiva dos fatos e subordinada as grandes empresas de comunicação, está muito distante de

---

<sup>6</sup> Ao chegar ao Brasil, trazido pelos portugueses, o cordel se instalou predominantemente no Nordeste do país e se tornou um traço marcante da cultura local. Seu baixo custo, sua linguagem acessível e sua facilidade de assimilação fizeram do cordel um veículo importante no interior nordestino. Muito do que se passava no Brasil e no mundo, em tempos de acesso restrito a televisão e ao rádio, era difundido no sertão através dessa literatura.



tornar-se uma fonte popular de busca da informação. Essas produções não são pensadas de forma a levar ao homem do povo os acontecimentos sociais, assim como não lhe possibilita expressar ideias e opiniões nos meios de comunicação de massa. A necessidade de decodificação das linguagens específicas de cada canal, a abordagem distante de uma realidade popular e as dificuldades de acesso, impostas pela distancia, são fatores que propiciam um afastamento entre as classes populares e os meios de comunicação de massa (MCM).

O homem, como ser social, apresenta um forte vínculo com o grupo no qual se encontra inserido, assim como este está vinculado a outros grupos, formando uma sociedade (organismo social). Esse vínculo, que permite a coesão social, é possibilitado pela comunicação, “entendida como processo mímico, oral, gráfico, tátil e plástico, pelo qual os seres humanos intercambiam ideias, informações e sentimentos, através de signos simbólicos.” (BELTRÃO, 1980, p.3). Se a comunicação é essencial para existência de um grupo social, como indivíduos, que se encontram a margem do processo comunicativo massivo, podem estabelecer-se em um grupo? Ou seja, como os grupos marginalizados se comunicam?

Beltrão, a partir da sua teoria da Folkcomunicação, afirma que as classes populares encontram-se profundamente ligadas as suas crenças e costumes. Excluídas do processo comunicativo dos MCM, os grupos populares, através de uma linguagem e meios próprios, “intercambiam elementos de informações, ideias, opiniões, educação, incentivo a melhoria material e espiritual” e sonhos característicos de seus cotidianos (BELTRÃO, 1980). “Se a comunicação jornalística era essencial a formação das crenças e das decisões que impulsionam o indivíduo e as sociedades a ação, evidentemente aqueles catimbós [os costumes e crenças] tinham de ser veículos jornalísticos” (BELTRÃO, 2004, p. 42). Nessa perspectiva, o folclore será a característica predominante das comunicações populares, fugindo da ideia comumente difundida de folclore como manifestação popular imutável e vazia de conteúdo significativo da realidade.

### **Cordel na Folkcomunicação**

Apresentando uma linguagem simples e um baixo custo de produção, o cordel enraizou-se na cultura nordestina de tal forma que já não pode ser dissociado dela. A importância do folheto na cultura popular está vinculada à exclusão dos grupos



populares dos meios massivos de comunicação e da necessidade de expressão de ideias e de conhecimento da realidade que os cerca.

O cordel possibilita uma releitura das mensagens dos meios de comunicação de massa para uma linguagem popular, assim como insere essas mensagens na realidade desses grupos.

Quando se pretende transmitir uma mensagem a esses indivíduos, e especialmente quando seu conteúdo insere novo sistema de valores e conceitos, como no caso das campanhas mudancistas, é preciso “traduzir-lhes” a ideia, adequando-a aos esquemas habituais de valoração dos destinatários. (BELTRÃO, 1980, p.36)

O poeta cordelista assume o papel de jornalista do povo e assim traz para a sua realidade e de sua gente os acontecimentos nacionais e regionais, se utilizando de uma linguagem acessível a população pobre. Essa contextualização e o fato do poeta fazer parte desse contexto possibilitam que o cordel se insira no âmago dos grupos marginalizados, fazendo parte do seu cotidiano. É nesse sentido que surge a necessidade de compreender o cordel além de sua força de expressão artística, mas também como meio de expressão e de reivindicação das camadas populares, possibilitando-lhes a comunicação de ideias, opiniões e lutas.

A notícia no cordel foge da apresentação típica dos meios jornalísticos, que abordam o fato da forma mais objetiva possível. Ela é mesclada por comentários apaixonados, opiniões e, principalmente, é permeada pelo imaginário popular (BELTRÃO, 1971). O poeta não se limita a narrar o fato de forma direta, mas inclui passagens criadas por ele mesmo a fim de transmitir ao leitor todas as emoções e pormenores do “causo”.

O poeta apresenta uma forte ligação com o seu público, suas opiniões são estimadas e influenciam as decisões e comportamentos dos leitores. Como um líder de opinião, o poeta se vale de um carisma no grupo no qual está inserido. Por fazer parte da comunidade, conhece as necessidades, frustrações, objetivos e lutas do seu povo e que também são suas. Ou seja, o poeta possui autoridade de escrever sobre o seu grupo e para o seu grupo. Esse profundo conhecimento e vivência das demandas das classes populares não constam nas produções dos MCM.

O processo inverso de apropriação dos meios da Folkcomunicação para o canal massivo também se estabelece claramente. Denominado de Folkmidia, esse processo foi analisado por estudiosos da comunicação com a influência de Luiz Beltrão, que pesquisam a inserção da comunicação popular, com a adaptação ao processo massivo,



na indústria cultural. Em seu livro *Lyra Nordestina: O Cordel em Juazeiro*, Gilmar de Carvalho exemplifica essa apropriação a partir do caso do Jornal “O Rebate”, que circulou entre 1909 a 1911, em Juazeiro do Norte. O jornal possuía a seção intitulada “Lyra Popular” voltada a publicação de folhetos populares.

Ao recorrer ao formato popular, um meio de comunicação, por mais limitado que fosse legitimava sua aceitação pelas camadas subalternas e realimentava, por outro lado, uma produção que se esboçava e que ganhou consistência, no caso de Juazeiro, com as romarias, com os poetas que se estabeleceram na cidade (...). (CARVALHO, 2006, P. 24-25)

### **Os diálogos entre cultura popular e Educomunicação.**

Assistir televisão, ouvir rádio, ler jornal, acessar internet são algumas das ações que se tornaram muito comuns no cotidiano dos jovens em geral, estejam eles no espaço do campo ou da cidade, porém aqui cabe uma ponderação: entre os jovens do campo, outras manifestações comunicativas também estão presentes em seu imaginário: cordel, repente, cantoria, cantos de trabalho; enfim, muitas coisas, mas por diversas vezes eles – os jovens – nem se dão conta que isto também é comunicação.

Da confluência entre as áreas da comunicação e da educação acabou por se gerar um campo novo, o da Mídia-Educação, ou Educação para as Mídias ou ainda Educomunicação. O termo não é unanimidade entre os pesquisadores, mas, segundo Mônica Fantin (2006, p.30) os objetivos são comuns. De acordo com a autora, que adota o termo Mídia-Educação, esse campo tem por meta a formação de um usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de comunicação e informação. Ela destaca as implicações sociais do desenvolvimento desse campo na escola: “A educação para as mídias é uma condição de educação para a cidadania, um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber, o que contribui para a redução das desigualdades sociais” (FANTIN, 2006, p.31).

Os meios de comunicação fazem parte do cotidiano do sujeito contemporâneo, influenciando, até certo ponto, o modo como as pessoas devem pensar, agir, sentir e se comportar. A escola como *locus* legitimado socialmente enquanto espaço de socialização e transmissão cultural ainda sente dificuldades em se relacionar com esse ente poderoso que é a mídia e com seus produtos. Os estudos na área de Educomunicação surgem como resposta a esta aparente incompatibilidade e propõem que os meios de comunicação devem não só estar presentes na escola, auxiliando o trabalho dos professores, como também devem ser objetos de estudo e apropriação. Segundo Fantin:



Ou seja, podemos entender a ME [Mídia-Educação] como áreas de saber e intervenção em diversos contextos, como práxis educativa com um campo metodológico e de intervenção didática e como instância de reflexão teórica (com objetivos, metodologias e avaliação) sobre essa práxis. Assim, “qualquer intervenção mídia-educativa não pode prescindir de nenhum destes dois aspectos: estão sempre em jogo uma práxis, uma atividade e uma reflexão teórica que guia e sustenta essa práxis” (RIVOLTELLA, *apud* FANTIN, 2006, p. 4).

### **TVEZ: A extensão como prática dialógica**

Sabendo que a Educomunicação diz respeito a educar para, com e através dos meios, e entendendo que ela requer uma reflexão sobre a produção e consumo das mídias, nasceu o TVEZ<sup>7</sup>, projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará que tem o objetivo de promover educação para uso crítico da mídia.

A ação do projeto consiste em levar subsídios necessários para uma discussão das mídias a gestores, professores e alunos de escolas públicas do Ceará a fim de gerar reflexões sobre o atual uso dos meios de comunicação. O que se pretende é uma leitura crítica dos produtos midiáticos, utilizando-se para isso a apropriação dos meios. O TVEZ entende que essa leitura deve ser vista como fruto da história dos sujeitos (individual e coletivo) em suas percepções e realidades distintas. No projeto, a criança e o jovem são vistos como sujeitos de direitos e dentro de uma perspectiva histórica.

É o pensamento de Paulo Freire, sobretudo sua obra *Extensão ou Comunicação* (1983) que norteia a ação extensionista do TVEZ. As trocas de saberes constituem-se na forma de atuação preponderante, em detrimento ao repasse de informações. Compreendemos que a educação é um diálogo, que se estabelece na atividade da extensão, onde os sujeitos buscam compreender determinado objeto. Dessa forma, as ações do TVEZ, que se dão no ambiente escolar, com alunos, professores e direção, tentam realizar uma comunicação entre a escola e o projeto, afim de que o diálogo realmente aconteça, a troca se realize, e que não seja a mera passagem de informações.

---

<sup>7</sup> O TVEZ é coordenado pela Profa. Dra. Inês Silva V. Sampaio e pela Prof. Dra. Luciana Lobo Miranda. Tem como objetivo promover a educação para o uso crítico das mídias, através de ações integradas em escolas da rede pública de Fortaleza. Entre seus objetivos específicos se destacam os de: refletir com os professores e alunos da rede pública acerca da participação da mídia na construção da subjetividade de crianças e jovens na sociedade contemporânea e a necessidade da escola considerar esta nova realidade em suas ações pedagógicas; promover a capacitação de professores acerca da peculiaridade dos processos de comunicação midiáticos e da relação de crianças e adolescentes com a comunicação, a fim de que possam melhor orientar os seus alunos em suas leituras críticas da mídia; oferecer a crianças e adolescentes oportunidades de acesso a uma produção de mídia diversificada, através da qual desenvolvam a sensibilização dos sentidos em relação a novas formas de linguagem. O projeto é desenvolvido a partir da articulação entre várias ações de caráter específico e conjunto, tais como: Rodas de Conversas, Seminários e Debates com Convidados, Oficinas e Curso.





A captação destes [os conteúdos], como mera presença, por si mesma, não possibilita, aqueles que os captam, que deles tenham um verdadeiro conhecimento. É que, a mera captação dos objetos como das coisas, é um puro dar-se conta deles e não ainda conhecê-los. (FREIRE, 1983, p.28)

Concordamos com Freire (1983) quanto a crítica ao uso da palavra extensão como o simples ato de *estender* algo a alguém. De acordo com o autor, quando entendida assim, a extensão passa a ser sinônimo de dominação, implicando num sujeito (extensionista) que repassa um conteúdo que domina a um objeto, que recebe esse conhecimento passivamente. Desse modo a extensão seria uma forma de persuadir “os receptores” a aceitarem uma verdade superior, funcionaria como uma propaganda direcionada a indivíduos passivos.

O TVEZ vê, portanto, a extensão como uma forma de educação, entendendo esta como comunicação e não como transmissão de informações. Como Paulo Freire, propomos uma relação em que todos os envolvidos são “educadores-educandos”, tal qual na relação da comunicação social, o homem é (tem que ser) emissor e receptor.

A atuação do grupo de extensão consiste basicamente em promover intervenções nas escolas públicas e grupos sociais que discutem temáticas relacionadas a mídia e/ou a educação, para discutir e elaborar produtos midiáticos. Nessa prática extensionista, a escola é entendida como espaço primordial de aprendizado e de discussão sobre cotidiano, mas sempre respeitada dentro de suas particularidades. Faz parte das ações do TVEZ promover ações diagnósticas antes do início de qualquer trabalho. Entendemos que a escola e qualquer grupo constituído não deve servir apenas de laboratório para novas práticas ou projetos aventureiros, seus espaços devem ser levados a sério.

Dentro dessa proposta, de discutir a cidadania e os modos de subjetivação na contemporaneidade a partir de uma leitura dos meios que se insere o projeto TVEZ que promoveu a *Oficina Cordel e Informação: Uma Nova Face da Cultura Popular* realizada na IV Seminário de Arte e Educação – “Círculos de cultura de Paulo Freire”. A oficina oferecia como proposta a reflexão e a ação prática em torno da temática do cordel, este visto como meio de comunicação.

O propósito de se pensar a realização de uma oficina a partir de métodos e reflexões trazidas pela educomunicação e tendo como principal instrumento o cordel foi de tentar mostrar aos participantes – que eram em sua maioria professores - que a educomunicação pode trabalhar com vários suportes desde os mais tecnológicos – como a TV – como com suportes mais artesanais – como o cordel.



Assim acreditamos que pensar educação e comunicação juntas é pensar os modos de subjetivação determinantes da cidadania *de fato*.

### **Cordel e Informação: uma experiência em Educomunicação**

Em setembro de 2008, a partir das ações de extensão do TVEZ: Educação para o Uso Crítico da Mídia, foi organizada a oficina *Cordel e Informação: Uma Nova Face da Cultura Popular* realizada no IV Seminário de Arte e Educação – “Círculos de Cultura de Paulo Freire” promovido pelo programa de extensão Brincantes do Cordão de Caroá (UFC)<sup>8</sup>.

A oficina *Cordel e Informação: Uma Nova Face da Cultura Popular*<sup>9</sup> teve como proposta uma análise, através de uma leitura crítica, do caráter informativo do cordel, enfatizando a apropriação pelos participantes. Iniciado com uma discussão acerca da história do cordel, da sua importância na sociedade e desse caráter informativo, os participantes da oficina, advindos em sua maioria do campo da educação, puderam compreender o cordel para além de uma manifestação artística, reconhecendo-o como um efetivo meio de comunicação. Para proporcionar aos participantes um entendimento dos aspectos estruturais do cordel, foi realizada uma dinâmica musical, que consistiu na análise de músicas que apresentam a estrutura poética semelhante ao cordel, concluindo a sua característica mais notável que é musicalidade.

O momento prático da oficina consistiu na produção de cordéis pelos participantes. Foram entregues aos grupos notícias recentes de jornais e internet para a utilização como temas para os folhetos. Essa atividade permitiu uma breve compreensão das linguagens específicas dos meios impressos e do cordel. Como resultado desse momento prático, obtivemos diversos folhetos com uma grande variedade temática, dentre eles: “O Seminário do Paulão”, “Eleições” e a “Lei Seca”. A técnica de isogravura, para confecção da capa, que consiste em talhar o desenho desejado em uma bandeja de isopor e carimbá-lo com tinta no papel, encerrou a experiência prática.

Para exemplificar a capacidade do cordel como um meio de comunicação alternativo e inserido nos acontecimentos sociais, segue um dos cordéis, que apresenta

---

<sup>8</sup> O Brincantes do Cordão de Caroá é um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC) que faz parte do movimento social Cordão de Caroá. O grupo vivencia a tradição popular, o conhecimento e expressões de nossa cultura, apresentando uma forte ligação com os diversos Mestres da Cultura.

<sup>9</sup> A oficina foi realizada no dia 25 de setembro de 2008, com uma carga horária de 4 horas, no Campus do Benfica da Universidade Federal do Ceará (UFC). A oficina contou com a participação de 34 pessoas.



uma temática política por conta das eleições municipais de 2008, produzido na oficina Cordel e Informação: Uma Nova Face da Cultura Popular.

### Eleição

Sei o que te digo  
mas tenho medo de dizer  
na propaganda eleitoral  
que se mostra na TV  
tem muita promessa e mentira  
pra mim e pra você

Na campanha eleitoral  
em toda a cidade é assim  
é dinheiro a dar de pau  
empresa que não tem fim  
sobra muito para eles  
e nada para mim.

A eleição se aproxima  
tá na hora de votar  
vamo lá minha gente  
o cavalo arrear  
o caminho é muito longo  
até a seção eleitorar.

Vamo lá comunidade  
sair e compartilhar  
vão contar muita mentira  
pra você acreditar  
começa no interior  
termina na capital.

### **O Cordel, instrumento pedagógico, no auxílio da democratização da expressão**

Como vimos, o cordel é um rico veículo informativo. É, além disso, uma importante mídia alternativa, considerando a nossa realidade, vivência e cultura. Tornar o cordel uma fonte informativa e difusora nas atividades escolares seria não só incentivar a transmissão de um traço saliente da nossa cultura, mas também permitir a livre expressão de quem dele se apropriar e possibilitar a democratização do acesso a informação. As ainda discretas experiências que se tem sobre o uso do cordel na escola, como também de outras mídias, verificaram que a assimilação dos conteúdos, a capacidade crítica e a participação dos alunos aumentam.



A oficina *Cordel e Informação: uma Nova Face da Cultura Popular* demonstrou que profissionais da educação estão a procura de integrar esse meio alternativo a suas práticas escolares. Nesse sentido, o cordel vai além de uma expressão artística ou de instrumento de alfabetização, ele possibilita inserir os alunos no processo de produção comunicativa, estimulando seu senso crítico e promovendo sua ação na realidade no qual está inserido.

Porém, reconhecemos que esse processo demanda não só de uma vontade do educador, mas também de políticas públicas que promovam a valorização da cultura, assim como de uma mudança de perspectiva da própria sociedade em relação as culturas marginalizadas. Ampliar o campo de estudo da cultura e efetivar práticas de leitura crítica da mídia é essencial para uma democratização da comunicação e, consequentemente, dar vozes aos diversos atores sociais.



## **Referencias Bibliográficas:**

MARTINO, Luiz C. **De que comunicação estamos falando?** In Teorias da Comunicação, Conceitos, escolas e tendencias. 2ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002

BELTRÃO, Luiz. **Fundamentos Científicos da Comunicação.** Brasília: Ed. Thesaurus, 1973.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Ed. Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia.** São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

\_\_\_\_\_, Luiz. **Comunicação e Folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1971.

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra Popular: O Cordel em Juazeiro.** Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Dispositivo Pedagógico da Mídia: modos de educar na (e pela) TV.** In Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-152.2002

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil e Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FREIRE, Paulo **Extensão ou Comunicação.** 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra., 1983.